

padrão de Lembert na parede livre do ventrículo esquerdo, imediatamente abaixo e paralelamente ao sulco átrio-ventricular. Em seguida, mediu-se novamente o anel com o mesmo medidor e medidores de número inferior a este, até que se chegasse ao número adequado, correspondente ao novo diâmetro. Os dados foram tabulados e os diâmetros foram comparados estatisticamente, antes e após a sutura, pelo teste T de Student, com nível de significância de 5%. Houve redução significativa ($p < 0,05$) do diâmetro médio do anel mitral nos corações estudados (de $21,5 \pm 3,04$ mm para $18,6 \pm 2,58$ mm). Observou-se, em todos os casos, redução do número do medidor utilizado para, no mínimo, dois números abaixo. Quando se faz anuloplastia em humanos a redução de magnitude similar a esta geralmente é suficiente para diminuir o grau de regurgitação. As diversas técnicas utilizadas para este fim são realizadas com circulação extracorpórea, recurso caro e pouco acessível na Medicina Veterinária. Buchanan e Sammarco realizaram a sutura circunferencial externa do anel mitral em cães com dilatação deste e insuficiência cardíaca congestiva refratária, reduzindo a regurgitação, porém com alta taxa de mortalidade. Recentemente uma técnica de plicatura subanular foi realizada com sucesso experimentalmente em cães, reduzindo o diâmetro do anel mitral, como no presente estudo. A redução do anel causou aproximação dos folhetos septal e mural, o que poderia reduzir a regurgitação em casos de dilatação do anel mitral. A anuloplastia mitral por sutura externa subanular do miocárdio foi suficiente para reduzir significativamente o anel mitral. Entretanto, estudos *in vivo* devem ser realizados para avaliar o comprometimento miocárdico e coronariano causados pela sutura, bem como a sua interferência na regurgitação e os seus benefícios clínicos.

Estudo da ocorrência de lesões gástricas em cavalos de vaquejada (resultados preliminares)

Buonora, G.S.¹;
Bastos Afonso, J.A.²;
Almeida, H.B.³;
Silveira Alves, G.E.⁴

1- Programa de Pós-Graduação em Ciência Veterinária - UFRPE – PE
2- Médico Veterinário da Clínica de Bovinos, Campus Garanhuns - UFRPE – PE
3- Gerente de Mercado de Equínos da Merial Saúde Animal do Brasil – SP
4- Escola de Veterinária - UFMG – MG

Em equínos as lesões que compõem a síndrome da úlcera gástrica ocorrem principalmente na mucosa escamosa e/ou aglandular do estômago, podendo ser focal ou multifocal. Observa-se em alguns casos gastrite difusa, refluxo gastresofágico e desordens de natureza obstrutiva. Na vaquejada, considerado esporte tradicional no nordeste do Brasil, os cavalos competem três dias consecutivos, desenvolvendo altas velocidades sob exigência física extrema, onde o manejo alimentar e o descanso nos intervalos das provas são negligenciados muitas vezes. Diante dessa condição esportiva equestre e por não existir relatos na literatura consultada, este trabalho teve como objetivo estudar a ocorrência das lesões gástricas em equínos utilizados no esporte do tipo vaquejada. Foram selecionados 70 equínos, sendo 52 machos e 18 fêmeas, 36 da raça Quarto de Milha e 34 sem raça definida (SRD). 42 animais eram mantidos encocheirados em tempo integral e 28 semi-encocheirados, ou seja, mantidos por no mínimo 12 horas a pasto. A idade dos animais variou entre 3 e 17 anos, todos em competição, ou em fase de treinamento intenso. Através de questionários obteve-se informações sobre a idade, problemas clínicos, uso de medicamentos, tempo de confinamento e manejo alimentar dos equínos. Os exames clínicos dos animais foram realizados de acordo com Radostits et al. (2000). Os equínos foram submetidos a jejum alimentar por no mínimo 10 horas antes da gastroscopia. Utilizou-se um vídeogastrosópio, com processadora digital de imagem e sonda de 3,0m de comprimento e 13,0mm de diâmetro (Marca ILO). Para contenção usou-se “cachimbo” e, quando necessário, xylazina 0,6mg/Kg/iv. Durante as

gastrosco-pias observou-se a mucosa aglandular, o *margo plicatus*, cárdia, parte visível da mucosa glandular e antro pilórico. As lesões encontradas foram classificadas em escores, em função do tipo e intensidade. Os escores foram definidos como: 1 – Mucosa Normal; 2 – Gastrite Não-Erosiva, caracterizada por descamação epitelial e hiperqueratose, leve e moderada; 3 – Gastrite Erosiva, caracterizada por erosão superficial apenas da camada mucosa, sem a presença de ulcerações; 4 – Ulceração Grau I, caracterizada pela presença de até duas ulcerações; 5 – Ulceração Grau II, caracterizada pela presença de três ou mais ulcerações. Pelos exames gastroscópicos realizados nos 70 eqüinos, observou-se mucosa normal em 26 (37,14%); 23 (32,86%) eram portadores de gastrite não erosiva; 11 (15,71%) eram portadores de gastrite erosiva; 10 (14,29%) tinham ulceração grau I e em nenhum dos animais observou-se ulceração grau II. Essa frequência foi menor do que se constatou em outros trabalhos com animais de esporte, porém foi maior que os achados em um estudo realizado em eqüinos na Suécia que apresentou uma prevalência de 7%, em 1.173 animais de varias raças de “sangue frio” utilizados em diversas atividades. Dos 28 animais semi-encocheirados aqui estudados apenas um (3,57%) tinha úlcera, enquanto dos 42 animais encocheirados nove (21,42%) eram portadores dessa lesão. Esses achados corroboram com os encontrados em um estudo, onde se observou que o sistema de manejo interfere na ocorrência e na severidade de úlceras gástricas. Em eqüinos o pH do conteúdo gástrico é freqüentemente menor que 2,0, sendo ainda mais baixo quando em jejum. Quando os animais ingerem feno, o pH do conteúdo gástrico pode se elevar acima de 6,0, provavelmente devido ao efeito tampão do bicarbonato salivar e da absorção do conteúdo ácido pelo feno ingerido. Outros fatores como a natureza, o manejo da dieta e o estresse são incriminados por esse tipo de distúrbio digestivo. Surpreendentemente a taxa de úlcera nos eqüinos deste estudo (14,29%) foi menor que o suposto como hipótese no projeto deste trabalho. Contudo é relevante considerar ainda que 34 (48,57%) dos eqüinos deste estudo eram portadores de gastrite, sendo 11 (15,71%) do tipo erosiva e 23 (32,86%) não erosiva. A presença de gastrite quase sempre reflete um desajuste no equilíbrio da fisiologia gástrica em decorrência de alguma inconveniência ligada às práticas de manejo. Entre as possibilidades evolutivas dessas lesões é prudente considerar seu caráter predisponente à ulceração, além da estabilidade ou do regresso. Qualquer delas depende da permanência ou não, e da intensidade, dos fatores etiopatogênicos. Este estudo permitiu concluir preliminarmente, que a ocorrência e a severidade das úlceras gástricas nos eqüinos utilizados na prática da vaquejada, não são determinadas apenas pela intensidade do treinamento e provas, mas também pelo tempo de confinamento dos animais. A maior prevalência de gastrite é do tipo não erosiva.

Biópsia digital em eqüinos com laminite induzida por sobrecarga de carboidratos

Alves, G.E.S.¹;
Paes Leme, F.O.²;
Marval, C.A.¹;
Bonna, F.A.B.²;
Xavier, S.H.N.¹;
Faleiros, R.R.¹;
Santos, R.L.¹

1- Escola de Veterinária - Universidade Federal de Minas Gerais - MG
2- Médico Veterinário Autônomo

Pollitt considerou que as alterações histológicas das lâminas digitais de eqüinos podem revelar informações importantes a respeito da evolução da laminite. Entretanto nos trabalhos consultados na literatura, foram utilizadas amostras colhidas de animais previamente eutanasiados, que vieram a óbito em decorrência de complicações da laminite ou mesmo peças de abatedouro. Considerando que as lâminas digitais refletem as alterações locais da fase prodromica da laminite, que se agravam em função do tempo e podem ter correlação com o grau de claudicação, o objetivo deste estudo foi avaliar uma técnica de biópsia de tecido laminar para exames histológicos em eqüinos com laminite induzida por